

EDEVÍDIO BUSSADORE

“Empresário, Esportista e Cidadão Emérito”

(* 10 DE FEVEREIRO DE 1934 +20 DE ABRIL DE 2020)

Na altura de seus 86 anos intensos, o empresário e jornalista não vinha muito bem de saúde. Ficava mais em casa do que na TAG, empresa gráfica que era uma de suas grandes paixões, na companhia da esposa, Aparecida Benedita Bagliotti Bussadore, e da filha Silvia Mara, professora aposentada. O primogênito Mauro cuida da gráfica e o filho do meio, Rogério, é dono do supermercado Dia%.

Mas no domingo Edevídio, dia 19 de abril de 2020, se sentiu mal e acabou por viajar fora do combinado com o amigo Gilberto Batista Ramos dois meses atrás: “Pelo menos até os 88 eu garanto!”. O desejo, expressado no dia 10 de fevereiro, durante a festa de seu último aniversário, foi mais uma de suas “tiradas”. Até hoje não sei se o homem tinha um mal disfarçado mau-humor ou um bem disfarçado bom humor. Talvez os dois.

A verdade é que Edevídio foi um homem muito ativo. Ágil, era habilidoso com os tipos de chumbo no tempo da tipografia e jogou futebol até poucos anos atrás. Corajoso, encarava qualquer desafio na vida pessoal e profissional. Generoso, sempre encontrava uma forma de ajudar sem aparecer. Sincero, mandava de primeira o que pensava, da canela para cima, e ao mesmo tempo fazia da ironia uma forma superior de inteligência.

Edevídio fazia questão de dizer que comprara a antiga Tipografia Central, há 67 anos, com dinheiro emprestado do primo Avelino Boselli. O negócio ia tão bem que logo adquiriu o “Nosso Jornal” de Gino Amatuzzi, quando o semanário ainda engatinhava. Controlou o periódico até 2003, com especial atenção à página de esportes. Adorava seu jornal, circundado por amigos notáveis, que escreviam colunas e frequentavam mais a gráfica do que a própria casa. Gostava muito de política.

E como foram difíceis os anos cobertos pelo regime militar. Três colaboradores do jornal, tidos como subversivos em razão de seus artigos opinativos, foram processados pela Justiça Militar: Tato Nunes (mais tarde prefeito da cidade), Luís Eduardo Curti e o saudoso Paulo Roberto Scandar. O diretor-presidente do NJ foi intimado a depor em São Paulo. Mas estava bem assessorado. Os advogados foram ninguém menos que o Dr. João Batista Lopes, que depois seguiu a magistratura, aposentando-se como desembargador do Tribunal de Justiça de São Paulo, e o saudoso Dr. Flávio Nunes da Silva, que desenvolveu quase toda sua carreira de promotor de Justiça em Araraquara.

Paralelamente, o homem de coração inversamente proporcional à própria estatura fez de tudo um pouco, sempre oferecendo seus melhores esforços. O amparo aos menos favorecidos era sua opção preferencial. Foi vicentino desde 6 de maio de 1962. Ao lado de Antenor Dolci, era o mais antigo confrade em atividade. No anos 1990, presidiu o Asilo São Vicente de Paulo, obra unida da centenária Sociedade de São Vicente de Paulo.

A mesma descrição não se pode dizer que se repetia nos gramados. No campo de jogo, o lateral-esquerdo invariavelmente aprontava das suas para apimentar a partida, confundir o árbitro e irritar o adversário. Essas passagens dão um livro, concluiu-se com a leitura da série “Histórias do Esplanada”, do jornalista Augusto Nunes – menino de talento revelado por Edevídio e sua turma. Antes do pontapé inicial de cada jogo, pediam um minuto de silêncio (ou mais, dependendo da importância do “falecido”) em memória de algum conhecido que acabavam de “matar”. No dia em que o homenageado foi o prefeito Adail Nunes da Silva a bravata correu feito rastilho de pólvora, para desespero de correligionários. Nem o cônego Cavallini escapou da brincadeira, que incluía até distribuição de santinhos impressos durante a semana.

Foi do Dr. Nei Lacativa, inseparável amigo de futebol e da vida, a ideia de colocar sobre o caixão uma camisa do Palmeiras. O manto sagrado do alviverde, ao qual devotava um grande amor, acompanhou os últimos momentos desse taquaritinguense nascido na Itagaçaba. Uma camisa do CAT não provocaria rivalidade alguma porque, de torcedor e atleta do aspirante, Edevídio passou a ser também diretor no tempo em que o time vivia seu auge. Nem tampouco causaria estranheza uma da seleção italiana – sim, em copas do mundo, a torcida era pela Squadra Azzurra.

Embora seja natural e o destino de todos nós, a perda de alguém com tanta relevância na sociedade é uma pena. Lamentável também que tenha sido justamente numa época como essa, em que as pessoas estão com medo até de acompanhar o derradeiro momento de uma pessoa querida. Mas Edevídio partiu com a serenidade e a simplicidade com que sempre viveu. Se um decreto impediu os amigos de contemplarem seu rosto pela última vez, quem o conheceu pode afirmar: havia nele o sorriso do dever cumprido, o sorriso dos que perseveraram na fé.

Seu corpo foi enterrado na quadra um do cemitério de Taquaritinga. Seu espírito com certeza tem lugar garantido entre as almas que souberam aproveitar a oportunidade de viver e de fazer a diferença na vida do semelhante.